XI CONLAB
XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Festa para o santo preto: construção de significações e identidades

Sônia Cristina de Albuquerque Vieira
Doutoranda em Ciências Sociais- Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA)
.

Este é um estudo que aborda uma festa em homenagem a São Benedito em Ananindeua/PA, um ritual realizado por migrantes oriundos da cidade de Bragança, interior deste mesmo estado, onde acontece uma tradicional festa para São Benedito há mais de200 anos. E durante 23 anos este grupo de migrantes reproduzem esta festa em Ananindeua,cidade pertencente à região metropolitana da capital do estado, Belém, aos moldes da que é realizada em Bragança, celebrando o que será interpretado como "bragantinidade", ou seja,elementos simbólicos eleitos para representar o pertencimento aos nascidos na cidade de
Bragança com determinadas formas de fazê-lo, traduzidas nesta 'condição' de bragantinos. Será assim, em torno da festa, que serão acionados os elementos que marcam esta celebrada identidade.
Palavras - Chaves: São Benedito, festa, identidade, Bragantinidade.

Festa (religiosa) como identidade

Para os bragantinos, moradores de Ananindeua, a festa do Glorioso São Benedito é interpretada como fundamental para construção da identidade de bragantino. Sobre essa percepção, porém, em outra cidade brasileira, Carlos Rodrigues Brandão, falando a respeito da festa do Divino Espírito Santo, de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, em Pirenópolis (GO), se referia a como os moradores consideram a festa:

> "O que o discurso do morador da cidade procura traduzir, quando ele considera-se efetivamente ligado a sua festa, é que ela não possui em si algumas tradições da cidade. A festa é, antes de mais nada, a tradição mais essencial de Pirenópolis, o seu costume ritualizado mais efetivamente capaz de atribuir a sua cidade a sua própria identidade"(BRANDÃO, 1978:63)

A festa de São Benedito em Bragança que reúne diversos elementos que, para seus seguidores, são considerados únicos, originais e que a festa feita em Ananinideua, possui (possuiria) o objetivo de reproduzir. Abaixo, pretendo mostrar as diferenças dos elementos presentes nas duas festas, em Bragança e em Ananindeua, considerados no quadro abaixo:

(QUADRO 2) Comparação entre a Festa de Bragança com a de Ananindeua.
Período 18 a 26 de dezembro Primeiro domingo de janeiro (apenas um dia)
Marujada Marujas e marujos, capitoa (cargo e função vitalícios), subcapitoa, capitão, subcapitão
Também dividido da mesma maneira, porém com menos pares (há também a participação de alguns marujos e marujas

vindos de Bragança, especialmente para dançar na festa)

Cavalhada

É um dos eventos principais, consiste em uma disputa de cavaleiros e suas "montarias", que disputam argolinhas nas cores azul e vermelha. Vence quem conseguir alcançar o maior número delas. A disputa lembra o combate entre cristãos e mouros nas batalhas medievais.

Não existe, devido não disporem de espaço, como em Bragança. Porém, Careca têm planos de organizar um passeio ciclístico onde os competidores se vestirão de azul e vermelho.

Consiste em comitivas de "esmoleiros" que percorrem as regiões dos campos, colônias e praias circunvizinhas a Bragança e outros municípios,

Consiste em doações feitas pelos promesseiros ao santo, durante a festa ou ao longo do ano na casa de Careca; são também organizados diversos eventos (os chamados "passeios") onde é cobrada uma

Esmolação angariando as "esmolas", ofertas para a festividade de São Benedito. Cada comitiva leva uma imagem do santo, instrumentos musicais, bandeiras. Quando chegam às casas dos devotos, tocam e cantam ladainhas e canções, algumas em latim (numa versão popular local); cada casa que recebe a comitiva é o pagamento do morador a uma promessa feita á São Benedito, e, por isso, têm a obrigação de hospedar e alimentar os esmoleiros por uma noite.

quantia pela participação, a fim de arrecadar fundos para a festa. Fazendo então um movimento contrários fiéis/

devotos é que vão ao Santo. E também a "esmola", as avessas é "cobrada".
Missa Realizada no período da festividade, na Igreja de São Benedito, em Bragança, dedicada especialmente ao santo.
Realizada, ao longo dos anos, em diferentes igrejas (Igreja do Divino Espírito Santo, Paróquia Santa Paula Frassinette, Paróquia Nossa Senhora das Graças), como missa comum e paga.
Apenas em 2007 houve uma missa no local do evento.
[Digite texto]
4
Leilão
Evento também conhecido como "leilão da pitomba" (frutinha típica da região) são leiloados também: bois, porcos, cabras, galinhas, patos e pavão,outras aves, além de doces, bolos, fumo, roupas, móveis e diversas imagens de São Benedito e o que mais for doado pelo povo.
Leilão de bolos, galinhas, imagens de São Benedito e, em 2008, 3 cachos de pitomba doados por uma senhora bragantina, que ao ter conhecimento da festa de Ananindeua resolveu levar o que para ela, era o "maior símbolo de Bragança tirando São Benedito e a Marujada"
Almoço Oferecido pelos juizes da festa, servido apenas para as "autoridades" (não-povo) e "marujos e marujas" (povo).
Servido oferecido, pelos juizes, a todas as pessoas presentes, independente de que sejam marujos ou marujas. E também a mesa das "autoridades"especialmente composta pelo presidente da festividade.
Procissão Longo percurso saindo da Igreja de São Benedito, acompanhado por centenas (talvez milhares) de pessoas pelas ruas de Bragança.
Pequeno percurso pelas ruas de Ananindeua, seguido apenas por algumas

dezenas de pessoas.
Mesmo sinalizando diferenças (como o quadro aponta) entre as festas dos "bragantinos", elas são como filigranas diante dos elementos estruturais – se me for possível falar assim – que organizam e que tanto os de Bragança (mesmo), como os de Ananindeua, podem lançar mão (e o fazem) para, como "bragantinos", onde quer que vão (como os alemães de Seyferth), construirem/acionarem uma ou sua identidade.
Entre os quais, o santo, a devoção ao santo e a Marujada, ser "marujo", pontificam como elementos cruciais dessa construção distintiva, constrastiva do nós bragantinos (de Bragança e de Ananindeua) versus os outros. Neste sentido é que falo aqui em "bragantinidade" agregando a isso, também, outros marcadores sociais/simbólicos que se

possa reconhecer, mas os quais, como a "pitomba" parece serem sempre remetidos a ou emcompassados/englobados hierarquicamente por aqueles que "derivam" do santo e sua devoção.
Que marcam, em vez da cor/ raça ou da "naturalidade" (simplesmente ter nascido em Bragança ou ser filho de bragantino), o sentido, o significado atualizado da "bragantinidade". Mesmo que desconsidere a presença e relevância, nesse processo, de outros marcadores.
Este é, por exemplo, o caso do grupo "Arraial do Pavulagem", criado e dirigido pelo músico bragantino Toni Soares, no qual a vestimenta dos dançarinos inclui, como item mais destacado, um chapéu de palha com fitas coloridas pendendo das beiradas, ao redor da aba, quase uma espécie de reprodução do o chapéu, porém, estilizado e unissex estendendo, assim, ainda que não reconhecidamente, um signo/símbolo de que estou chamando de "bragantinidade" Que está presente também na letra abaixo, de musica do repertório do "Arraial":
Marujada de São Benedito[2]

Vou fazer uma canção em louvor ao santo preto
Canta, povo bragantino: bendito, oh! bendito.
Quando chegar dezembro
Qual é o santo que está no andor?
É são Benedito com Nosso Senhor.
Marujada de são Benedito
em louvor ao protetor
vem vestindo azul ou vermelho carmim na festa
no barracão dança xote, mazurca e chorado
nos duzentos anos de louvação
mas fico mesmo encantado
quando danço retumbão.

Junto com vêm grupo Arraial do Pavulagem é comum outros grupos folclóricos e para-folclóricos que vêm para Belém, apresentarem a Marujada, descolada do aspecto devocional. Como é o caso do "Grupo Frutos do Pará", organizado por a Iracema Oliveira, com adaptações visíveis trajes das marujas e na forma das danças com coreografia própria. Porém, esta identidade está sendo exposta em um espaço urbano e, sendo assim, terá adaptações pelos migrantes em que, algumas entendo como intencionais, como é o caso da

[2] Composição: Júnior Soares e Edu Filho (Cd's: "Ao vivo" e "Música do litoral norte")

comida e da berlinda. E as adaptações não – intencionais, que são exigidas pelo próprio ambiente onde estão inseridos os agentes envolvidos, neste caso os bragantinos moradores de Ananindeua que realizam a festa em homenagem a São Benedito.
Neste caso, estão, por exemplo, o calendário (fato de a festa ser em um único dia), a cavalhada que não existe. A manipulação da identidade situacional e de contexto,[3]

identidade bragantina, que quando se vai para Bragança é a de morador da Cidade Nova, de Belém, de Ananindeua . Enquanto, nesses locais será a de "bragantino".

Essa identidade é também construída, a partir da trajetória de vida (VELHO, 1994) de Careca, e para construção da identidade coletiva serão acionados diversos itens, como o parentesco, a devoção pessoal ao santo, a promessa doméstica que com Careca ganha ares públicos e o santo a festa vira de todos os bragantinos e não somente como diz Brandão para Pirenopolis, "santo preto dos brancos pobres" (BRANDÃO, 1978).

A festa e tudo o que dela faz parte, será nesta ocasião que os migrantes terão uma arena favorável midiaticamnte, pois, a imprensa está sempre presente na festa.E também, com a festa, a rede de sociabilidade dos migrantes a cada ano aumenta, pois se "descobre a festa" por bragantinos que vêm de Belém, Castanhal, de Bragança e de Ananindeua mesmo e se reencontram. Assim, os moradores de outros bairros como no caso do Jurunas, onde reside Dona Francisca, bragantina, participante da festa de São Benedito daquele bairro e que, o presenciar, durante a festa de 2007, a participação da Marujada de Ananindeua, emociona-se e desabafa "Na festa daqui do Jurunas, só faltava mesmo a marujada, para São Benedito, para ficar completa. Oh, meu Deus! Agora não falta mais nada".

Elementos para construção da "Bragantinidade"

Para o povo bragantino, São Benedito configura-se como uma espécie de "totem" [3], uma vez que existe toda uma construção de identidade a partir deste símbolo, evidente em declarações do tipo: "todo bragantino é devoto de São Benedito". Pois é a partir deste símbolo que se reconhece alguém de origem bragantina, o que é ajudado quando por exemplo, pelo fato de crianças, de ambos os sexos, serem "dadas" ao santo, e conseqüentemente, se tornarão "marujos" e "marujas" (dançarinos da marujada).

3 Ver Manuela Carneiro da Cunha, 1985

Outro "totem" das pessoas que participam da festa de São Benedito este, dos de Ananindeua particularmente, será o time de futebol Paysandu. Durante a Festa de 2006, este ponto também foi lembrado no momento do "leilão dos bolos", que se iniciou com a pergunta: "quem torce pelo Paysandu aí!". A resposta positiva foi geral. Os bolos leiloados tinham todos as cores e os símbolos do time estampados. Em outras oportunidades da pesquisa de campo, percebi a onipresença deste "totem", que estou referindo, numa "licença" antropológica, como no que se refere às brincadeiras (relações de jocosidade), canto do hino, uso da bandeira, etc.

Numa ocasião, no dia 4 de fevereiro de 2007, foi celebrada a festa de aniversário de dona Maria José, mãe de Careca, completando 72 anos de idade. Nesta ocasião ritual ficaram evidente elementos que compõem a construção da identidade do bragantino. A simbologia das cores, vermelha e branca, faz alusão à simbologia da festa do santo; fato é que toda a decoração da festa estava em vermelho e branco, cores atribuídas a São Benedito: balões, copos e pratos descartáveis, cartões impressos com a foto do santo e a oração no verso, toalhas de mesa, bolo da festa, doces, e a imagem do santo no lugar de destaque. Inclusive alguns convidados (quase todos bragantinos) estavam com camisetas com a imagem de São Benedito. Em alguns momentos e conversas percebe-se uma forma de brincadeiras com o santo, algumas com a questão do santo ser negro, como nas referidas a seguir:

"Meu ex-marido era bem pretinho mesmo, que parecia São Benedito".

"Preto, filho de uma égua (se referindo ao santo) ou tu decide minha vida ou eu jogo todo esse caralho (velas) no mar".

"Se esse pretinho (apontando a imagem de São Benedito) não ajeitasse minha vida, em oito meses, eu prometi virar crente".

"Essa música (brega) a mamãe nunca rodou atrás da igreja do pretinho (São Benedito), lá em Bragança". (risos)

A construção de identidade, aqui, é pensada tendo em vista o conceito de cultura[4] sob o ponto de vista dos atores sociais. Portanto a cultura é o contexto e a identidade seria

[4]Sobre o conceito de cultura, Clifford Geertz propõe que se faça uma hermenêutica do termo tão relevante para Antropologia, criticando a definição de Taylor, "o todo complexo", ou seja, algo padronizado e comprimido, defendendo, assim, um conceito de cultura semiótico, como "sistemas entrelaçados de signos interpretáveis". Então segundo o autor: "O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência

uma interpretação feita, a partir disso, pelos atores sociais pertencentes a um determinado local que no caso empírico visto, dos bragantinos, é Bragança. Onde é elaborada a forma de diferenciação que, neste caso, possue elementos relacionados com a festa de São Benedito, como principal representante simbólico da cultura que terá formas traduzidas e eleitas para essa construção da identidade do povo bragantino. A festa, como um ritual, corresponde ao que Marcel Mauss denominou de um "fato social total". As identidades, por sua vez, sustentam-se nos rituais, como no caso bragantino, da festa do santo.

Tudo isso leva à "bragantinidade"

Desde meus primeiros contatos mais detidos com esse grupo migrante que festeja São Benedito, tenho ouvido, aqui e ali, falas que remetem a uma relação forte, algo como uma pertença e uma adesão a seu lugar de origem como, ao mesmo tempo, uma âncora e um espelho. Esse "sentir-se" bragantino, que Careca e o "pessoal lá de Bragança"- lembrado por mim, agora, no seu sentido positivado - tanto manifesta penso ser análogo ao sentimento de pertencimento de que trata Motta-Maués (1997) quando se refere aos afrobrasileiros:

A partir disso, a autora irá discutir a idéia dessa "volta às raízes", da negritude, ou seja, da "africanidade", que Motta- Maués(1997) define como referência a uma cultura negra, coisas partilhadas por todos os caminhantes da diáspora, dispersos, longe da mãe África. Ao dizer isso, a autora enfatiza que este fenômeno pode encontrar correspondência, por esdrúxulo que possa parecer, segundo ela, um contraponto, com o conceito de "germanidade" (Deutschtum), manifestado por alemães e descendentes de alemães, que imigraram no inicio do século para o sul do Brasil.(Seyferth,1982)

Assim, me utilizo aqui, tanto da definição de Motta-Maués, como de Seyferth, vendo o caso dos migrantes bragantinos que manifestam em suas falas e na própria devoção a São Benedito também, de modo semelhante, este sentimento de pertencimento que é traduzido

experimental em busca de leis, mas como ma ciência interpretativa, à procura do significado. E justamente uma expressão que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmação, uma doutrina numa clausura, requer por si mesma uma explicação" (1985, p.15)

como "bragantinidade". Esse conceito é construído, assim, como o de africanidade/germanidade, pelas pessoas, a partir de seus contextos. Como evidência, frases que ouvi em campo, como: "É como se eu estivesse lá em Bragança" ou ainda "todos aqui formamos uma mesma família[5]", e ainda, "um bragantino reconhece outro bragantino aonde quer que ele esteja". Entendo que se assemelha à questão da germanidade, onde a autora cita "um alemão permanece sempre alemão (...) em qualquer parte do mundo (...) um alemão permanece sempre alemão, ainda que seu berço se situe na América" (Seyferth, 1982:126)

Essa construção da "bragantinidade" está ancorada em um conjunto de elementos representativos. Entre estes poderia citar aqui a devoção a São Benedito e a dança da Marujada, dois elementos que se complementam na prática.Assim, esta é a imagem, que

este grupo pretende passar, exibir para os "outros", os não-bragantinos, moradores de Ananindeua: de devotos (de São Benedito) e de Marujos (dançadores da Marujada)[6]. E que também é compartilhada pelos bragantinos de fora (os que não organizam a festa). Mas, que participam, cada vez mais, dela, a cada ano. Com o perdão pela comparação, e pela grande diferença da presentificação de sua história, pela proximidade e, assim, pela possibilidade de retorno (a Bragança, mesmo) a qualquer momento, e na festa do santo mais efetivamante, é como se esses bragantinos em Ananindeua, tal como os teutobrasileiros,
para Seyferth e os afro-brasileiros, para Motta-Maués, precisem "carregar"
com eles a devoção e a dança como sua "alma" e suas "raízes".
Afirmo assim, que a devoção á São Benedito feita através da festa ao santo,
pelos bragantinos, é única, no sentido de poder ser possível a utilização por esses migrantes. A fim de refazer uma outra festa, como eu tentei mostrar, com uma estrutura pensada para outro contexto. E essa reelaboração seja sempre passível de escolhas, críticas, preferências, permutas. Porém, a identidade de "bragantino" é o que será celebrado sempre; e quando qualquer outra festa em homenagem a São Benedito estiver acontecendo; se houver um bragantino presente; ele se utilizará do modelo de Bragança para emoldurar a devoção ao Glorioso São Benedito, ou simplesmente ao "Pretinho", este o "São Benedito

[5] Relação também traduzida como na frase do capítulo anterior a analogia da "farofa" significando união, uma unidade.

[6] Reforçando esta auto- identificação entre os bragantinos é que, por exemplo, em outras festas em homenagem ao mesmo santo, eles sempre enfatizam que (aquela festa) "não tem Marujada e a nossa não tem mastro".

de Ananindeua", como vimos eles dizem mesmo "ser bragantino é dançar Marujada e ser devoto de São Benedito".

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Isidoro. O Carnaval devoto: Um estudo sobre a festa de Nazaré em Belém. Petrópolis, Vozes, 1980.
AZZI, Riolando. O catolicismo popular no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1978.
BALANDIER, Georges. Parentesco e Poder. In: Antropologia Política. 1982.
BOSCHI, Caio César. Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo. Ática, 1986.
BORDALLO DA SILVA, Armando. Contribuição ao Estudo do Folclore amazônico na Zona Bragantina. Funart, 1981
BRANDÃO, Ascânio. São Benedito: O Santo Preto. Aparecida do Norte: Santuário, 1979.
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A cultura na Rua. Campinas: Papirus, 1989..
_. Identidade e Etnia, Construção da Pessoa e Resistência Cultural. São Paulo: Brasiliense, 1985.
_____ O Divino, o Santo e a Senhora. 1a ed. Rio de Janeiro: Funarte, 1978

CÂNDIDO, Antônio. Os parceiros do rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos meios de vida. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1964.
CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto.. Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.
---------- O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. Revista de Antropologia, v. 1, p. 13- 37, 1996.
.
DURKHEIM, Émile. As Formas elementares da vida religiosa.São Paulo:Paulinas,1989

EVANS-PRITCHARD, E.E. Antropologia Social. Lisboa: Perspectivas do Homem. Edições 70, 1972.
_ Os Nuer: descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. 2a edição. São Paulo; Editora Perspectiva, 1993
FARO, Andrey, "É festa das aparelhagens" 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais/ Antropologia) Universidade Federal do Pará, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós - Graduação em Ciências Sociais, Belém
FERRETI, Sérgio. Religião e cultura popular: Estudo de festas populares e sincretismo religioso. In: Religião e Cultura Popular.htm/ Texto capturado na Internet em 19/11/2003.
FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Os reis da Mina: A Irmandade de Nossa Senhora dos Homens Pretos no Pará do século XVII ao XIX. Boletim do museu Paraense Emilio Goeldi, Belém, v.9, n.1, p.103-121, 1994.
----------Escravos e senhores nas Irmandades Religiosas na Amazônia do século XIX. Amazônia Ipar, Belém.v.5, n.3, p. 28-50, 2001

. GALVÃO, Eduardo.Vida religiosa do caboclo da Amazônia. In:Boletim Nacional, Nova Série-Antropologia.Rio de Janeiro, 1953.
_ Santos e Visagens: Um estudo da vida religiosa de Ita, Baixo Amazonas.2 ed.Tese de doutorado.São Paulo: Brasiliana-Nacional, 1955
GUIMARÃES, Gerson Alves. Alma Bragantina: Poemas e Sonetos. Bragança: Marc Grafit, 1995.
GEERTZ, Clifford, 1926. Obras e Vidas: O antropólogo como autor, Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002
----------O Saber Local. Petrópolis: Vozes, 1997.
----------A interpretação das culturas.Rj: LTC. 1989.
GOFFMAN, Erving. Estigma (Notas sobre a manipulação da Identidade deteriorada). Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro de Janeiro.Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. DP e A: 2000.
LEAF, Murray. Uma História da Antropologia. Rio de Janeiro e São Paulo: Zahar e Edusp, 1981.
LEÃO, Lúcia e Gemaque, Pascal."Negro Santo". Belém. Reportagem Televisiva, TV Cultura-Programa "Cultura documentário", 1988
KUPER, Adam. Antropólogos e Antropologia: Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, F.Alves, 1978.

MAGNANI, J.G.C. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade SP: HUCITEC/UNESP, 2003.
----------Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In MAGNANI, J. G.C & TORRES, L. L. (orgs). Na Metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp. 200-.
MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
_. Um diário no sentido restrito do termo. Tradução de Celina Falck- Rio de Janeiro: Record, 1997.
MAUÉS, Raymundo Heraldo. Padres, pajés, santos e festas: Catolicismo popular e controle eclesiástico. Belém: CEJUP, 1995.
_____. Uma outra "invenção" da Amazônia: religiões, histórias e identidades. Belém;

Cejup, 1999
---------- Origens Históricas da Cidade de Bragança. In: Separata da Revista de História n. 72. São Paulo, 1967.
MAUSS, Marcel, Ensaio sobre a dádiva .In:Sociologia e Antropologia.São Paulo:Edusp, 1974.V.2.
MELO, Leila do Socorro Araújo. Nas trilhas da ginga: Tradição e fundamento consolidando a prática educativa da capoeira em Belém. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais/ Antropologia) Universidade Federal do Pará, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós - Graduação em Ciências Sociais, Belém.
MENEZES, Bruno de. São Benedito da Praia - Folclore do Ver - o – peso. In: Secretaria do estado da cultura. Obras completas de Bruno de Menezes. Vol. 2. Belém: CEJUP, 1993.

MORAIS Luiz Sabaa Srur. No Natal tem pastorinha: ritual e sociabilização. 2007.156f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais/ Antropologia) Universidade Federal do Pará, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós - Graduação em Ciências Sociais, Belém.
MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. Trabalhadeiras e Camarados: Relações e gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. Belém: Centro de Filosofia e Ciências Humanas/ UFPA, 1993.
----------,Negro sobre Negro: a questão racial no pensamento das elites negras brasileiras. Tese (Doutorado em Sociologia).IUPERG-Tec. Rio de Janeiro, 1997.
NONATO DA SILVA, Dário Benedito. Os Donos de São Benedito, Convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX..Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará. 2006
. ODULFO, Frei, OFM. São Benedito, o preto e seu culto no Brasil. Revista Eclesiática Brasileira, 1941
RODRIGUES, Eliene Jacques. Banidos da cidade, unidos na condição: Cidade Nova; espelho da segregação social em Belém.UFPA/NAEA, 1998.
RODRIGUES, Carmem Izabel. Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades entre ribeirinhos em Belém-PA. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade Federal de Pernambuco, RECIFE, 2006
ROSÁRIO, Ubiratan. Saga do Caeté: Folclore, História, Etnografia e Jornalismo na Cultura Amazônica da Marujada, Zona Bragantina, Pará. Belém: CEJUP, 2000. COL. Caeté 2.
SANTA BRÍGIDA, Marcelli de Cássia Monteiro. Ao som dos tambores soa o chamado: tradição e cultura religiosa de origem africana em Bragança. Monografia (Curso de Licenciatura Plena em Ciências da Religião). Belém: UEPA, 2007.

SANCHIS, Pierre. Arraial, festa de um Povo: as romarias portuguesas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983
SEYFERTH,Giralda. Imigração e cultura no Brasil.Brasília: Ed.da Universidade de Brasília, 1990.
_ A Idéia de cultura teuto-brasileira:literatura, identidade e os significados da etnicidade in. Horizontes Antropológicos. Vol.10. Número:22. Porto Alegre. julho 2004.
SILVA, Dedival Brandão da. Os tambores da esperança : um estudo sobre a cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade de Bragança. Falangola, 1997.
SOARES, Mariza de Carvalho. Devotos da cor. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

.SOUZA,Laura de Mello. O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial .São Paulo. Companhia das letras.1986
TURNER,Victor.O Processo Ritual. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.
VAN GENNEP, Arnold. Os ritos de passagem. Rio de Janeiro: Vozes, 1978